



Coelho 13^o

o Olho que Tudo Vê

Escrito por
TANIA DEL RIO

Ilustrado por
WILL STAEHLE

Traduzido por
ANDRÉ CZARNOBAI



Copyright do texto © 2015 by Will Staehle e Tania del Rio
Copyright das ilustrações © 2015 by Will Staehle

Coelho 13^o é uma marca de Unusual Corporation. Todos os direitos reservados.
Primeiramente publicado em inglês por Quirk Books, Filadélfia, Pensilvânia.
Este livro foi negociado através da agência Ute Körner Literary, S.L.U., Barcelona — www.uklitag.com.
Gravuras fornecidas por Unusual Corporation e Shutterstock.com.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
WARREN THE 13TH AND THE ALL-SEEING EYE

Projeto gráfico
WILL STAEHLE

Preparação
PAULA MARCONI DE LIMA

Revisão
VIVIANE T. MENDES
ADRIANA MOREIRA PEDRO

Composição e tratamento de imagem
AMÉRICO FREIRIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

del Rio, Tania
Coelho 13^o e o Olho que Tudo Vê / escrito por Tania
del Rio; ilustrado por Will Staehle; traduzido por André
Czarnobai. — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das
Letrinhas, 2017.

Título original: Warren the 13th and the All-Seeing Eye.
ISBN 978-85-7406-755-1

1. Literatura infantojuvenil I. Staehle, Will. II. Título.

16-08709 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

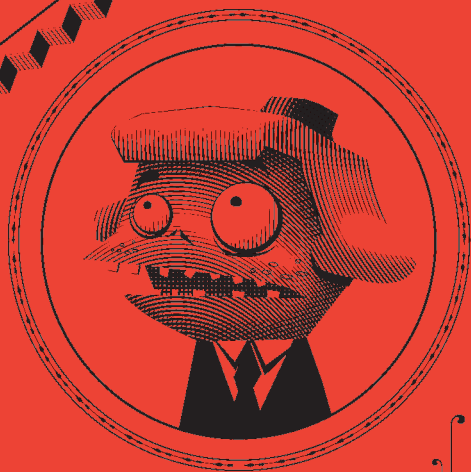
2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdaletrinhas.com.br

A marca FSC® é a garantia de que a madeira
utilizada na fabricação do papel deste livro
provém de florestas que foram gerenciadas
de maneira ambientalmente correta, social-
mente justa e economicamente viável, além
de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Historical-Fell e impressa pela
RR Donnelley em ofsete sobre papel Pólen Bold da Suzano Papel
e Celulose para a Editora Schwarcz em março de 2017

SUMÁRIO



APROVEITE A VIAGEM POR AQUI!



Capítulos

I.	Aquele em que chega um hóspede misterioso.....	08
II.	Aquele em que Coelho executa seus muitos afazeres	23
III.	Aquele em que Coelho entra no labirinto de cerca viva	37
IV.	Aquele em que Coelho é mandado para a sala da caldeira.....	46
V.	Aquele em que Coelho recebe uma ajuda misteriosa	58
VI.	Aquele em que Coelho se reúne com o sr. Friggs	66
VII.	Aquele em que Coelho conhece o conventículo do triângulo	80
VIII.	Aquele em que Coelho encontra um fantasma.....	89
IX.	Aquele em que Coelho está muito, muito, muito ocupado.....	98
X.	Aquele em que Coelho 1º revela um segredo de família.....	113
XI.	Aquele em que Coelho e Petula conduzem uma busca.....	122
XII.	Aquele em que Coelho é traído	135
XIII.	Aquele em que o sr. Friggs é ameaçado	144
XIV.	Aquele em que o último feitiço é lançado.....	160
XV.	Aquele em que o Coração de Coelho é encontrado	172
XVI.	Aquele em que o último enigma é decifrado	180
XVII.	Aquele em que Coelho (quase) se afoga.....	198
	<i>Epílogo.....</i>	<i>210</i>
	<i>Sobre o ilustrador.....</i>	<i>220</i>
	<i>Sobre a autora</i>	<i>221</i>

Capítulo I

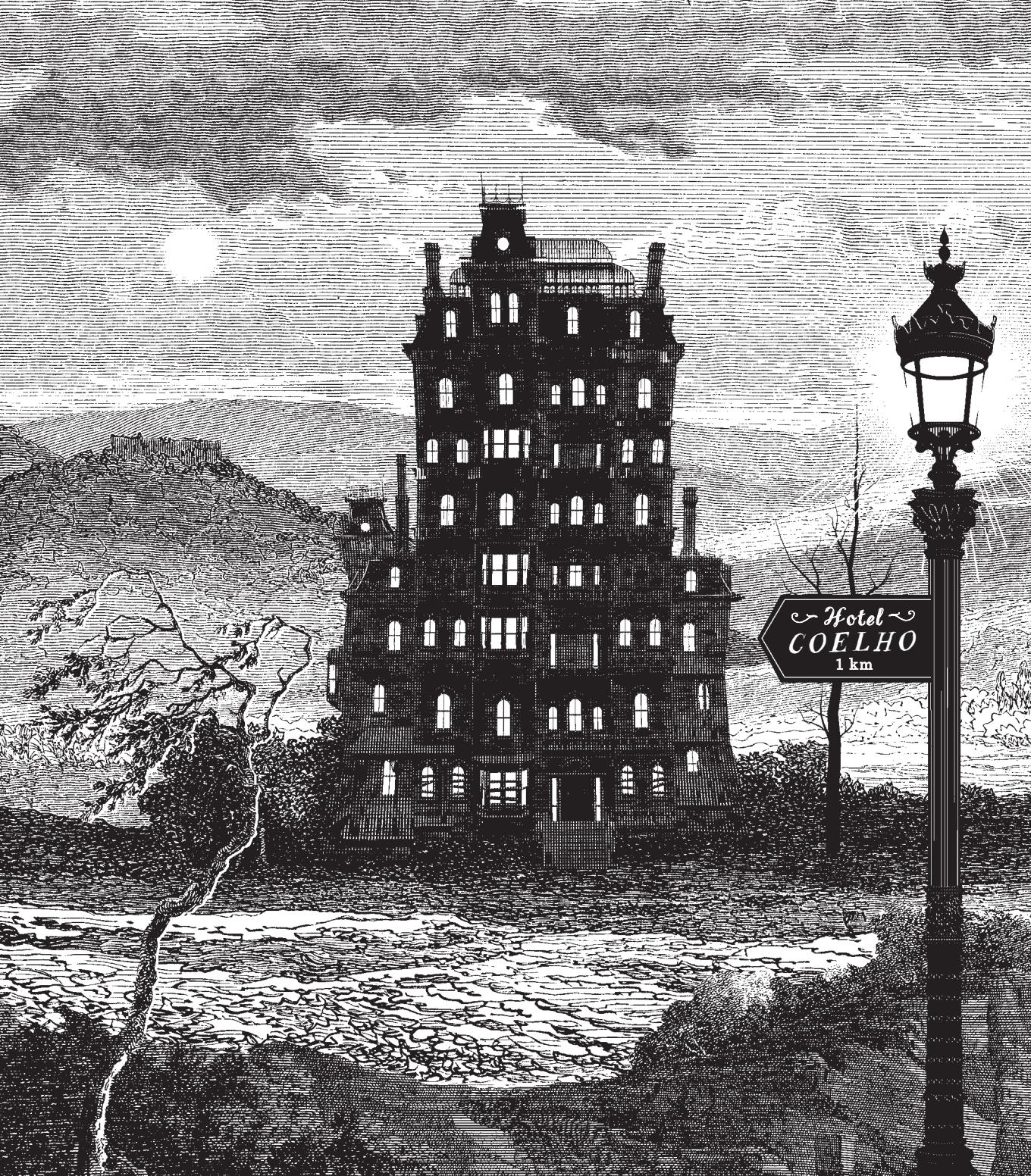
• AQUELE EM QUE •

CHEGA UM

Hóspede

MISTERIOSO





Hotel
COELHO
1 km



COELHO 13º

andava na ponta dos pés no telhado do Hotel Coelho e as velhas telhas de ardósia estalavam como ossos. Um vento cortante de outono chicoteava suas costas, ameaçando desequilibrá-lo, mas ele seguia em frente. Cair do topo de um prédio de oito andares era a menor de suas preocupações. Ele tinha uma chaminé para consertar.

Os corvos deram um aviso ruidoso do inte-

rior da chaminé, mas Coelho espiou ali dentro mesmo assim. Como de costume, a chaminé estava entupida de jornais, retalhos de tecido, galhos, ramos e outros detritos. Os seis pássaros negros o encararam de volta, acomodando-se no ninho improvisado.

— Saiam daí! — gritou Coelho.

Os corvos nem se mexeram.

— Tem um monte de boas árvores por aí. Xô!

Mas os corvos não se enxotaram. Pareciam fingir que Coelho era invisível.

— Então vamos ter que fazer isso do jeito mais difícil — ele disse, suspirando.

Coelho havia executado aquela tarefa centenas de vezes. Pelo menos uma ou duas vezes por mês ele subia no telhado e removia o ninho da chaminé antes que o hotel inteiro ficasse cheio de fumaça. Mas, naquela manhã, os corvos estavam particularmente teimosos. O inverno estava chegando e eles precisavam de um lugar confortável para enfrentar o frio.

— E se eu jogar água em vocês? — perguntou Coelho. — Vocês iam gostar disso?

Os pássaros sabiam que ele estava blefando. Um deles estalou o bico, mas os demais continuaram cochilando. Coelho foi cuidadosamente até o topo do telhado, onde havia um cata-vento retorcido. Desatarraxou o poste pontiagudo de metal e usou-o para cutucar a chaminé.

— Eu vou usar a força se for necessário — ele disse com determinação. — Saiam daí, senão...

Os corvos não moveram uma pena sequer. Eles sabiam que Coelho era bonzinho demais para bater num pássaro com um cata-vento.

Ficou claro que para Coelho só restava uma opção.

— Se vocês não saírem daí agora — ele disse com a voz mais ameaçadora que foi capaz de proferir —, vou chamar a tia Annaconda e aí vocês vão ter que se entender com *ela*.

Os corvos explodiram da chaminé, grasnando e espalhando penas enquanto se projetavam no céu. Eles frequentavam o hotel há tempo suficiente para saber muito bem quem era Annaconda e ninguém — nem mesmo um corvo — se atrevia a testar a paciência dela.

Coelho acompanhou os pássaros até que eles se tornassem apenas pontinhos negros em meio aos tons esmaecidos da alvorada. Ele detestava ter de assustá-los, mas eles não tinham deixado escolha. O menino baixou os olhos para contemplar a vista que tinha daquele ponto tão elevado do chão. Não era nada de especial.

O Hotel Coelho era o único prédio que se via em quilômetros; tristemente empoleirado numa colina cinzenta e sombria, contornada por uma floresta cheia de árvores igualmente cinzentas e sombrias. Dava para caminhar por horas em

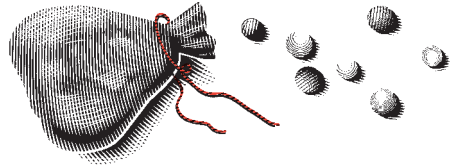


qualquer direção sem jamais avistar qualquer coisa que fosse interessante.

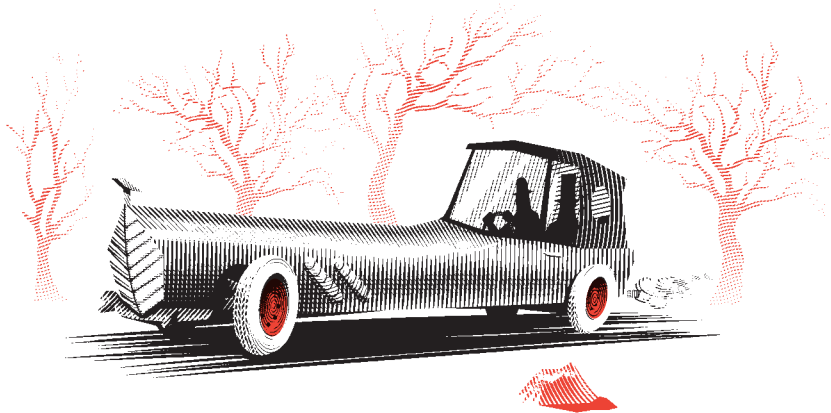
Mas Coelho não estava contemplando essa paisagem deprimente. Ele olhava para longe dela, além do horizonte, onde o resto do mundo existia. Ficou imaginando cidades e selvas, portos e desertos, cenários que ele conhecia apenas dos livros. Todos os lugares que ele adoraria conhecer... não fosse pelo fato de que tinha doze anos de idade e era o herdeiro do hotel de sua família, onde trabalhava como único carregador de malas, zelador, exterminador de pragas, garçom e auxiliar de serviços gerais. Coelho 13º tinha passado toda a sua vida no hotel, assim como seu pai e outros onze Coelhos que vieram antes dele.

Ele deu um suspiro e retomou a tarefa ingrata de limpar a chaminé. Em pouco tempo suas mãos estavam pretas de fuligem. Ele removeu dezenas de galhos e ramos e um punhado de objetos mais estranhos e inesperados: uma touca de renda, uma lixa de unhas enferrujada, uma

fôrma de torta e até um saco de bolinhas de gude que reconheceu como sendo seu. Coelho se perguntava como é que os corvos tinham conseguido roubar um saco de bolinhas de gude de seu quarto no sótão quando um rangido distante chamou sua atenção.



Ele apertou os olhos para enxergar melhor através da névoa do amanhecer. Para sua surpresa, viu uma movimentação na floresta. Oculto sob os numerosos galhos secos da copa das árvores, um grande vulto negro se deslocava por entre os troncos. O bosque que circundava o hotel estava repleto de ursos e javalis, mas esse vulto era maior do que qualquer animal. Ele ouviu o rangido mais uma vez e seu coração bateu mais forte. Aquela não era uma criatura qualquer.



Era um automóvel!

Ele não via um automóvel desde que o último hóspede havia deixado o Hotel Coelho, jurando que jamais voltaria. Cinco longos anos haviam se passado sem um mísero cliente. Os olhos de Coelho se arregalaram quando ele viu o automóvel no topo da colina. Finalmente alguém tinha vindo se hospedar com eles!

O carro atravessou os portões de ferro, que já tinham vivido dias melhores, e foi diminuindo a velocidade até parar em frente às portas do Hotel Coelho. E foi precisamente nesse momento que Coelho lembrou que era seu trabalho receptionar os hóspedes e ajudá-los com a bagagem.

Ele levou um susto quando o interfone do hotel de repente voltou à vida — o som metálico ecoava pelas paredes da chaminé —, trazendo a voz de seu tio Rupert, que berrava em pânico em meio aos ruídos:

— COEEEEEEELHO!

Ele precisava chegar ao saguão imediatamente! Coelho considerou usar a chaminé como atalho, mas oito andares eram uma queda e tanto. Em vez disso, saltou do telhado, se dependurou numa calha com uma das mãos e se lançou para dentro de uma janela do sótão. Ele caiu no chão com força, fazendo barulho e espalhando fuligem sobre a pequena caminha e a pequena mesinha que se espremiavam em seu quartinho minúsculo.

Antes, Coelho costumava dormir num dos

quartos grandes do segundo andar do hotel, mas a tia Annaconda não gostava de ter crianças por perto e quis tirá-lo de seu caminho. Ela o exilou no último andar do hotel, a oito andares de distância do saguão, onde Coelho fazia a maior parte de seu trabalho.

Indo rapidamente até um ponto específico no chão de seu quarto, Coelho levantou um alçapão, desceu uma escada de madeira e aterrisou pesadamente no corredor do oitavo andar. Ele se levantou e correu até a escadaria principal, e sua cabeça fervilhava com as possibilidades. Quem seria esse misterioso hóspede? E por que essa pessoa tinha vindo até o seu hotel?

As coisas eram muito diferentes quando Coelho era pequeno. Naquela época, todos os quartos eram reservados com meses de antecedência. Automóveis grandiosos desfilavam em frente às

